

DA ENXADA À EDUCAÇÃO

Varneci NASCIMENTO¹

O cordel é um tipo de Poesia Brasileira, que atualmente vem sendo redescoberta pelos educadores e estudiosos. No passado, deixaram-na à margem da Cultura, como se a essa poesia faltasse valores literários e estéticos. Felizmente, nos últimos tempos, poetas abnegados reuniram esforços em torno dessa poética, para colocá-la no lugar, onde sempre mereceu estar: dentro das escolas, faculdades e universidades, como objeto de formação cultural deste país.

Desde criança, tive contato com essa forma poética no interior baiano, na Fazenda Sapé, situada na cidade de Banzaê.

Conheci essa poesia através de meu pai, cantador de repente e leitor assíduo. Ele escrevia os chamados ABCs, declamados no Sábado de Aleluia, na queima do Judas (uma festa comum nos povoados da região).

O ABC era composto na forma fixa cordelística, nele se falava basicamente dos moradores do povoado, colocando na estrofe uma qualidade ou defeito da pessoa descrita.

Com o passar dos anos, as leituras dos romances clássicos foram se impregnando em mim e se tornando as marcas primordiais da meninice.

Descobri o flamejar da poesia; comecei primeiro a cantar repente de trabalho, durante a lida na roça no chamado Batalhão, o equivalente ao mutirão, onde vários homens faziam o serviço de outrem que enfrentava dificuldade em executá-lo sozinho.

Nos batalhões, trabalhava-se o dia inteiro cantando, normalmente dois repentistas improvisando e cerca de 30 a 40 homens respondendo o refrão, acompanhados pelas batidas das enxadas; o som monocórdico, a solfa ofertava ritmo e velocidade ao labor diário. Quem trabalhava cantando empreendia maior esforço e chegava primeiro no final do “eito”, porque adquiria uma velocidade maior em relação aos demais trabalhadores.

Cresci ouvindo Aloncio e Dezinho cantando nos batalhões da região, porém, na falta do Batalhão, meu genitor fazia a leitura de alguma narrativa cordelística; isto numa família de 11

1 Graduação em História, pela Universidade Federal da Paraíba. Poeta e Cordelista. Endereço eletrônico: <varneci@gmail.com >.

irmãos. Os ouvidos se afinavam àquelas histórias maravilhosas e assim a infância era adornada pela maestria encantadora da poesia. Esse período foi tão importante em minha formação que me levou, em 2008, a escrever e publicar, pela editora Luzeiro, *A Peleja de Aloncio com Dezinho*.

Abaixo as primeiras estrofes deste cordel:

Pedir o saber a Deus É praxe dos cordelistas
E o mesmo eu faço agora
Pedindo a Jesus as pistas
Para narrar a contenda
Entre dois bons repentistas.

O improviso é complexo,
Pois não tem um só caminho
Por isso Deus nessa estrada,
Peço-lhe um empurrãozinho
Pra descrever a Peleja
De Aloncio com Dezinho.

Já somos acostumados
Ver repentistas cantando
E acompanhando os versos
Duas violas tocando,
Entretanto, essa disputa,
Aconteceu trabalhando.

No interior da Bahia,
Nordeste é a região,
Ajuntam-se vários homens
E se forma um mutirão
Chamado em Banzaê
Por todos de “batalhão”.



Ao atingir a maioridade, os estudos obrigaram-me a migrar para outra cidade. Na ausência do companheiro da cantoria, passei a escrever e, corajosamente, fiz a primeira obra em 1998. Germinava, portanto, a semente plantada desde a tenra infância.

Afastado da cultura rural, visto Paulo Afonso ser uma cidade com mais de cem mil habitantes, cantar repente seria praticamente impossível. Escrever se tornou a válvula de escape. Passei a pôr no papel as emoções, inspirações poéticas, como se fosse a reprodução da cantoria de trabalho.

Antes, porém de publicar o primeiro folheto, participei de concursos de poesia na cidade e tive um poema classificado em segundo lugar, no evento chamado *Modernismo*, que possibilitava aos alunos da Rede Municipal concorrerem ao certame.

Ter sido classificado na primeira participação chamou a atenção do colégio e de alguns professores e professoras, que passaram a me incentivar na escrita, sobretudo dos versos. Uma palavra de ânimo é sempre salutar, pois o estímulo pode ser decisivo na continuidade de uma profissão.

Na época trabalhava numa paróquia, o ano era 1998, e o mês novembro, o Bispo Dom Mário Zanetta veio a falecer acometido de um AVC (Acidente vascular cerebral). Como homenagem póstuma, escrevi sua história, a qual só seria publicada em 2002, na cidade de São Paulo.

Começara, portanto, a aparecer o resultado da semente plantada outrora. O relacionamento de minha poesia com a educação; finalmente, iniciara com o primeiro cordel lançado dentro de uma universidade na capital paulista.

A obra passou 4 anos engavetada. Nesse interim, minha irmã, Everilda, cursava Serviço Social em São Paulo, na Universidade de Santo Amaro; numa aula, o professor Acácio Almeida mencionou a importância dessa manifestação cultural, sobretudo, na região Nordeste. Ela citou-me como cordelista, embora não tivesse nada publicado, e ele sugeriu a nossa vinda a São Paulo para proferir uma palestra sobre o cordel brasileiro.

Meu conhecimento sobre essa arte ainda era incipiente: acreditava que viera de Portugal, dos países ibéricos. Esse equívoco fora propalado nos livros e em diversas outras fontes. As pessoas envolvidas com essa literatura nunca tiveram a coragem de se apartar desta ideia. Em nenhuma parte existe literatura com a mesma forma fixa do Cordel Brasileiro e adornada com os

traços da nossa poética. Há formatos de publicações semelhantes quanto a parte física, porém, no conteúdo, é diametralmente oposta.

O cordel português, por exemplo, é produzido em prosa, enquanto o brasileiro é eminentemente poesia; exige rima e métrica, citando apenas dois pilares principais.

Numa luta hercúlea, *Dom Mário Zanetta: Pastor, Amigo e Irmão*, fora lançado. A importância de Dom Mário, tão querido em Paulo Afonso, me fez conseguir o patrocínio da impressão deste folheto.

De posse do material, fui a São Paulo, Everilda cuidou dos trâmites junto ao professor Acácio, a fim do evento acontecer na Universidade de Santo Amaro (UNISA).

Nascera, com esse evento, o jovem cordelista, contando apenas 24 anos de idade, inexperiente, versos com o pé quebrado (irregularidade métrica), rima sem rima (rima imperfeita), fala equivocada; todavia, isso faz parte do aprendizado de qualquer principiante, afinal, só fracassa quem tem medo de errar.

Perdi esse medo, enchi-me de ousadia, mesmo cometendo ambiguidades, as quais hoje considero primárias; na época, no entanto, moldava-me, pois ao jovem é permitido ser “estúpido”.

Chegou o grande dia e, na hora marcada, estávamos na universidade. Eu nervoso, apreensivo, mas ao mesmo tempo confiante na possibilidade de mostrar um pouco da cultura nordestina aos futuros Assistentes Sociais, colaboradores primordiais na construção de uma sociedade equânime, do ponto de vista da igualdade.

Falei por mais de uma hora, cerca de sessenta alunos ouviam-me atentamente, não só do Serviço Social, outros cursos queriam entender melhor o cordel e o repente. Procurei esclarecer as diferenças e semelhanças, as distâncias e as aproximações, pois embora dialoguem, cada um mantém sua forma de ser. O repente de improviso, acompanhado, normalmente, pela viola, já o cordel é literatura, pensada, escrita, corrigida, melhorada e aperfeiçoada.

Não sei se por agrado ou por educação, no final fui muito aplaudido, certamente não por minha causa, mas pela beleza da poética cordelística, pois é impossível ler um bom cordel sem se fascinar. Aconteceu aí o casamento entre este cordelista e a educação.

Desde então procurei manter dois focos na produção, acreditando que nenhum gênero está preso a nada, pois a literatura é livre, dinâmica e atinge variados públicos, se não corre o risco de aleijar de morte a produção poética.

Fiquei alguns meses em São Paulo e fui convidado a visitar várias escolas, bibliotecas, casas de cultura, falar sobre aquela forma poética. Em início de carreira, aceitei os convites, fiz as palestras gratuitamente. Nesses eventos, aproveitava para vender a obra, a qual, felizmente, esgotou-se em pouco tempo.

Na Pauliceia, convidaram-me para escrever um cordel em homenagem ao educador Paulo Freire, a fim de ser apresentado no seminário destinado aos professores. Tudo parecia convergir para que a minha introdução no mundo cordelístico tivesse um pé na escola. Imagine ser convidado a fazer um texto sobre Paulo Freire, o maior educador da história deste país? Aquilo foi uma honra.

Nunca ouvira falar de Paulo Freire; todavia, a contratante gentilmente perdoou a ignorância, me oferecendo livros, revistas, os quais descreviam a grandeza singular do educador sensacional, falecido no ano de 1997.

Aceito o desafio, empreendi a busca, estudei, curioso como todo poeta, conheci o que a maturidade na época permitiu sobre aquele escritor. Durante um mês preparei em torno de 60 estrofes, distribuídas em 16 páginas, em homenagem ao criador do Mobral.

Particpei do Seminário, onde falaria às autoridades, aos professores, aos universitários e aos doutores, na abertura do evento, apresentando: *Paulo Freire um educador diferente*. Expus o meu pensamento, as impressões sobre o magnífico pensador da educação, li algumas estrofes do trabalho, cada participante receberia o seu exemplar. Achei maravilhoso minha segunda obra ser contando a história do maior educador do Brasil.

Saí dali extasiado, não pelos aplausos, mas por me dar conta da grandeza de Paulo Freire; feliz por produzir aquele livreto que chegaria às mãos de tantos educadores. A partir desse evento, as portas se abriram para falar sobre o novo trabalho. Prolonguei a estadia por mais trinta dias, no intuito de atender os convites das escolas. Os educadores, ao lerem o trabalho, queriam conhecer o gênero literário brasileiro.

Não sei precisar quantas escolas visitei, procurei fazer o máximo, me empenhei na divulgação do cordel, tão caro a nossa cultura. Alguns poetas fizeram no passado este trabalho

em São Paulo, nomes como Antônio Teodoro dos Santos, Franklin Maxado, Manoel Pereira Sobrinho, entre outros, abriram o caminho para espalhar, na sementeira lotada de nordestinos, homens e mulheres ávidos por cultura.

À época desconhecia este feito, ainda assim tentei, dentro das possibilidades, fazer direito, semeando, na medida do possível, essa literatura aos lugares mais longínquos. Desde então, tento desfazer a ideia errônea de muitos, de que essa poética seja exclusividade de nordestino. Depois de mais de cem anos de existência, a semente de Leandro Gomes de Barros já se espalhou pelos quatro cantos do Brasil.

Retornei ao chão nordestino, o desafio de concorrer uma vaga na universidade pública me esperava; teria que me preparar senão perderia o embate. Aprender era primordial, precisava mergulhar no mundo acadêmico; era essencial conhecer a fundo a poética que se tornaria minha profissão. A universidade é o caminho mais acertado em busca de formação, de expandir a mente, de descobrir como tudo pode ir além da imaginação.

Na Bahia, me inscrevi no vestibular na Universidade Estadual da Paraíba. Fui aprovado para o curso de História. Estudaria em Guarabira, a 85 quilômetros da capital João Pessoa. A Paraíba é o berço de grandes cordelistas. Daquela região vieram nomes como José Camelo de Melo Resende, do povoado de Pilõezinhos, hoje cidade, mas, à época, pertencente à Guarabira. Outro nome grandioso é Manoel D'Almeida Filho, de Alagoa Grande.

Vários bardos acorreram à rainha do Brejo Paraibano, em busca de imprimir seus folhetos. À época, nem fazia ideia disso, só residindo *in loco* tomei conhecimento da grandeza poética daquela região. No segundo semestre de 2002, fui morar em Guarabira. Parecia mágico, como se o cordel, de fato, tivesse me escolhido e me empurrado àquela cidade, responsável pelo parto de exímios poetas, responsáveis por impulsionar essa poesia.

Ganhara a possibilidade de beber dessa aura, aprender com os mestres, mergulhar na fonte. Foram quatro anos de convivência e aprendizado. A Universidade me formava por um lado, por outro, procurava me informar a respeito dos poetas existentes ou que passaram naquela região, tentando responder como formaram as obras deles que, após tantos anos, encanta e atrai um número significativo de leitores e leitoras.

Continuava escrevendo, publicando, visitando às escolas locais, de cidades circunvizinhas, participando de feiras, apresentando seminários na universidade, discutindo temas, experimentando, enfim, me adequando às exigências da poética cordelística.

No meio educacional, encontrei docentes incentivadores, me apontaram caminhos, propuseram estudos. Durante a formação, surgiram cordéis a partir das aulas, os quais destaco: *O amor vence o racismo*; um romance produzido para discutir a relação proibida entre uma jovem branca e um rapaz negro. *A resistência negra*, contando como os negros fizeram para sobreviver às intempéries da escravidão, e *Branco, cuidado, Deus pode ser negro*, tratando da temática também do preconceito.

Desde o começo da carreira como escritor, mantive um pé na educação e outro fora dela, a fim de alargar a obra entre as duas vertentes. A poética perpassa o banco das escolas. Nunca me faltou coragem de enfrentar temáticas espinhosas; a poesia sempre me impeliu aos desafios.

Na apresentação de seminários e debates, alarguei o contato com outros cursos na universidade. Na conclusão do curso, o tema monográfico foi *O Cordel e o Repente, produzidos em batalhões no interior da Bahia*.

Trabalhei o ABC do Judas e, quanto ao repente, tratei da cantoria produzida nos batalhões, ou seja, o repente produzido sem o uso da viola, tendo a enxada como a principal acompanhante do ritmo e musicalidade.

No ano de 2005, com vinte folhetos publicados, convidaram-me a retornar a São Paulo para falar em escolas, associações, casas de cultura. Carregava na bagagem uma obra mais robusta. Revisitei algumas daquelas escolas que conheci no ano de 2002, mas fiz palestras em novos colégios. Os docentes se encantavam, os alunos, achavam atraente aquela forma poética rimada, fácil de ser teatralizada, apresentada através de um jogral, recitada, enfim, o cordel “só tem dois públicos: aquele que o ama e aquele que o desconhece”.

Apesar do trabalho exercido por outros poetas em São Paulo, essa literatura parecia ausente dos meios educacionais e, quando lembrado, havia sérios equívocos de abordagem, colocando defeitos inexistentes, tanto nas obras como nos autores, acusando-os, por exemplo, de analfabetos, como se os ágrafos fossem capazes de escrever livros, ou rebaixando o cordel, alegando a falta de estética, colocação insustentável diante duma análise sincera, desprovida de

preconceito. Na diminuição desse tipo de poesia, julgaram-no pelo papel, como se o suporte físico diminuísse ou tornasse seu conteúdo inferior ou superior.

Durante dois meses, fiz nova sementeira, estabeleci contatos a fim de manter aberto o diálogo entre essa literatura e a educação. Queria vê-la presente no sistema educacional. É uma tarefa árdua convencer as pessoas a usarem determinado produto, o qual desconhecem, todavia, os autores contam com a grandeza própria do gênero, a estética própria e de fácil compreensão. É convidativo, facilita o nosso trabalho, sem contar o preço acessível, diferente dos outros formatos de livros.

Após esse período em São Paulo, retornei aos estudos na Paraíba, me aprimorando, me alimentando do saber para oferecer aos leitores algo digno da grandeza de Leandro Gomes de Barros, o pai do cordel brasileiro. Essa busca me fascinava, porque o hobby de leitura finalmente se tornara profissão.

No Campus da faculdade fiquei relativamente conhecido, devido ao trabalho desenvolvido através da poesia. Convidado às discussões pertinentes, a fim de ofertar alguma contribuição, adquirir novos conhecimentos, pois muitas pessoas buscavam oferecer a sua voz àquela poesia que, no seu início, foi considerada a voz do povo nordestino.

Apresentava seminários, escrevia artigos para livros; foi significativo ver a poesia tratada respeitosamente, embora, reconheça, ainda falte muito na inclusão no todo literário brasileiro.

Ao tempo que desejava ver o Cordel presente nas aulas de História, Geografia, Português, Matemática, sempre almejei revê-lo nas mãos do povo; é premente promover o reencontro, como no passado, pois várias pessoas possuem alguma história decorada. Urge este reencontro com os leitores, além de apresentá-lo às gerações do século XXI.

No começo dos anos 2000, a internet dava as caras; logo comecei a trilhar pelas páginas virtuais, tentando transformá-la em aliada da poesia. Os profetas agourentos previram novamente a morte do cordel, a exemplo do passado, com o advento do jornal, depois do rádio e da televisão, porém o vaticínio deles, felizmente deu errado.

Atrás de novos leitores, procurei estar presente no rádio, na TV, na internet, ainda incipiente em nosso país, sobretudo, aos mais pobres, pois só a partir do ano de 2003, os pobres começaram a acessar o mundo virtual.

Usava as plataformas, mostrando como a poesia cabe em todos os lugares, é competitiva, tem envergadura, lastro literário e atende a qualquer área do conhecimento. Os meios de comunicação são essenciais e nos possibilitam chegar mais longe. Durante os anos de residência na Paraíba, encontrei solo fértil em programas das TVs locais, ao rádio, ao jornal; na medida do possível, levei o filho de Leandro Gomes de Barros ao maior número de pessoas.

Estendi as fronteiras, fui ao Rio Grande do Norte, em São José, participar de um evento literário sobre educação, promovido por colegas da Universidade dos cursos de Geografia, Letras e História. O cordel fazia história, sendo protagonista, não apenas coadjuvante. Espalhávamos versos dentro do meio Educacional e cultural. Se nos fechavam uma porta, tentávamos pela janela, caso a janela estivesse travada, tentávamos a fresta. O importante era levá-lo a quem o esquecera, por algum motivo, porque “quem não aparece não é lembrado” diz a velha máxima.

A atividade de cordelista consolidava-se como profissão, me manteve na universidade, pagou o aluguel, me alimentou durante os anos de estudo. Mesclar o cordel com as aulas de história fez um diferencial enorme em minha formação.

Alimentei cada vez mais o desejo da escrita, era premente mostrar o seu uso; o cordel precisa ser lido, tanto na educação, quanto no cotidiano do povo. Esta poesia, de fato, se tornou providente, foi mãe e amiga durante o período formativo, de certa forma, um período difícil, por conta da distância da família.

A literatura me ofertou o melhor da Paraíba, o carinho do seu povo; no campo afetivo me presenteou amizades eternas. Ao terminar o curso superior, no ano de 2006, tomei a decisão de residir em São Paulo. Na Pauliceia, seria possível outros meios, por exemplo, o da publicação em maior escala. Como fizera diversas palestras na cidade e a receptividade foi excelente, achei melhor fazer essa experiência, devido à grande quantidade de pessoas, devido a possibilidade de venda e de publicação das obras. Embora relutante, resolvi me mudar para São Paulo, não para trabalhar na construção de prédios, pontes, viadutos ou lavar pratos dos ricos. Todavia, optei por fazer poesia, dar vazão a profissão escolhida, atuaria na seara das letras, da educação, no intuito de formar mentes em prol de, quem sabe, construirmos um mundo melhor, respeitoso entre os seres humanos, não pela cor da pele, tampouco pela condição social.

No início de 2007, passei a residir em São Paulo; logo comecei a divulgar as novas obras lançadas. Ao ser publicado pela Editora Luzeiro, no fim do ano de 2007, passei também a ser seu

editor, cuidando das novas publicações. No início de 2008, além de já ser publicado pela Editora Luzeiro, a maior do ramo, fui convidado pela Editora Nova Alexandria a adaptar clássicos da literatura brasileira para o cordel.

O desafio apesar de grandioso foi aceito imediatamente, embora nunca houvesse adaptado nada. As mais de vinte obras publicadas eram autorais. Era uma tarefa árdua, entretanto, o poeta precisa ser ousado, arriscar-se sem medo de errar, enfrentar, ao lado da humildade, os desafios surgidos no transcorrer da trajetória.

A proposta era verter *A Escrava Isaura* à linguagem cordelística, obra do magistral mineiro Bernardo Guimarães. Conhecida através de novelas, com a qual mantinha relativa familiaridade. Embrenhei-me na pesquisa, corri atrás de informações, conversei com amigos, busquei o maior número de fontes acerca desse clássico.

A Escrava Isaura marcara a vida de tantos telespectadores de novelas, pois tivera considerável número de audiência. Lucélia Santos encarnara brilhantemente a Isaura, a escrava branca, sofredora, vítima da sanha do senhor Leôncio, desvairado, que desejava gozar do amor de Isaura, vontade nunca aceita por ela.

Alguns meses depois, entreguei o rascunho à editora, a qual se encarregaria de propor as mudanças, fazer a revisão, ilustrar o texto, lançá-lo no mercado, na coleção *Clássicos em Cordel*. Após aprontar o texto, a editora me ofertou novo desafio; em setembro de 2008 completaria 100 anos da morte do maior escritor brasileiro: Machado de Assis. Encarregara-me de adaptar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Fiquei surpreso, por se tratar de um livro ainda desconhecido por mim; todavia, jamais rejeitaria o convite, ao contrário, abracei alegremente aquela rica proposta.

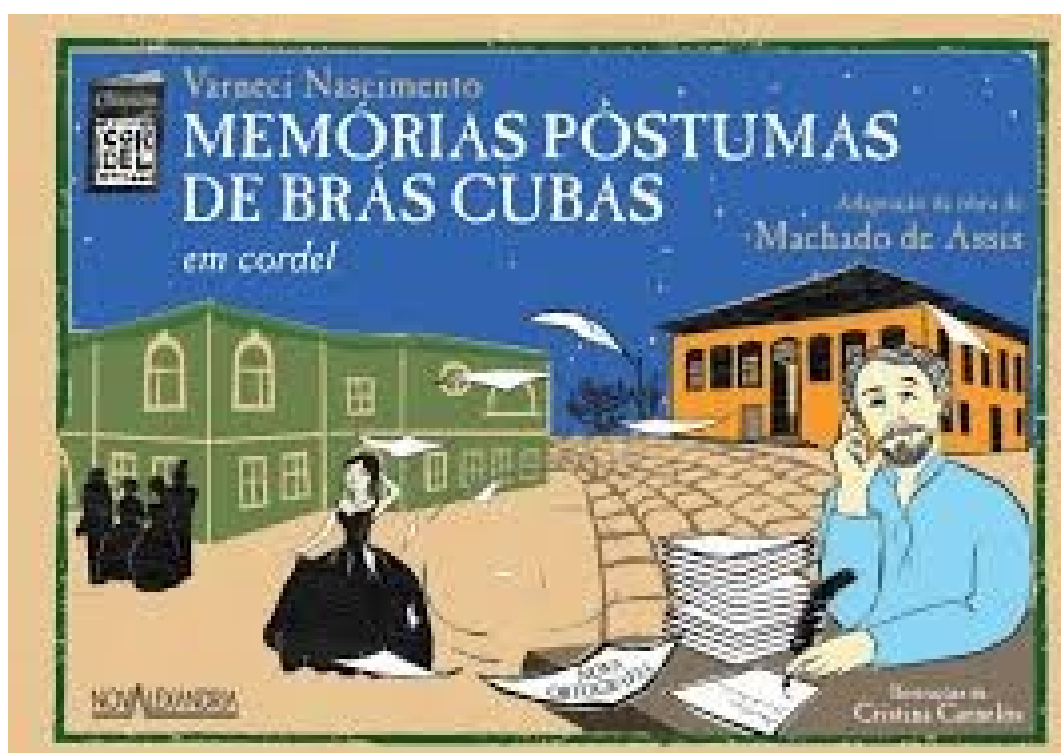
Mergulhei na pesquisa, na leitura, pois fora dela não há salvação, sobretudo aos escritores. Entreguei-me à poesia, sabendo da tarefa hercúlea, o resultado dependeria do meu esforço. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro consagradíssimo, um divisor de águas na literatura brasileira, da pena do magistral fundador da Academia Brasileira de Letras.

Cuidaram brilhantemente da publicação em 2008, no dia 30 de setembro, estávamos fazendo o lançamento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), na presença de vários alunos, professores, os quais teceram comentários a respeito do novo lançamento.

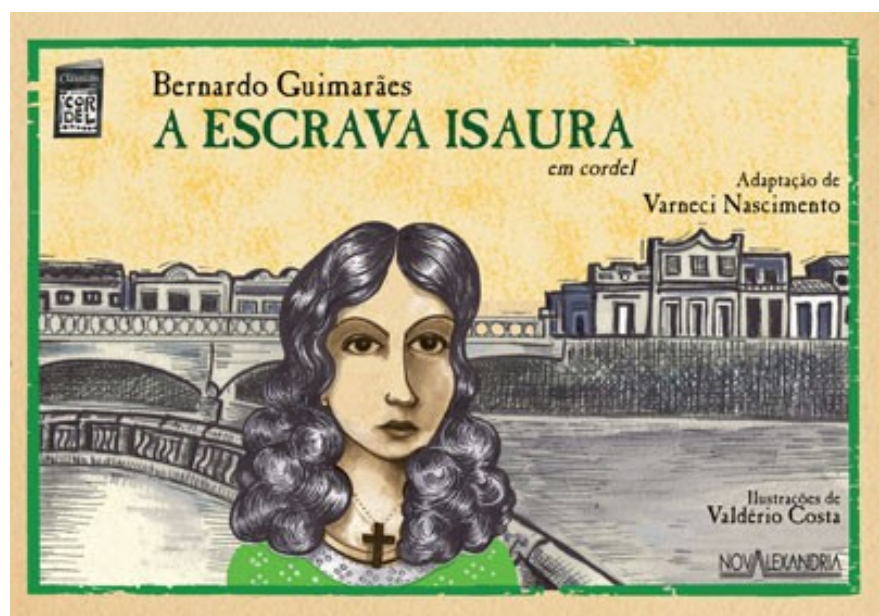
Finalmente, o cordel pisava em patamares nunca chegados antes. Lançar essa adaptação em uma das Universidades mais importantes do país foi um enorme ganho para o universo

cordelístico. Desse modo, mantinha o pé na cultura e outro na educação, porque esse livro passou a ser adotado em várias escolas, lidos para vestibular, etc.

A *Escrava Isaura* seria lançado três anos depois. Este livro junto ao *Memórias Póstumas de Brás Cubas* abririam as portas das escolas e universidades na discussão sobre a importância dessa forma poética. A poesia deixada no ostracismo pelas elites culturais, chegava às estantes das livrarias mais importantes deste país, algo nunca acontecido antes, devido as livrarias,



preconceituosamente, alegrem que faltava ao folheto o status de livro e, por isso, se recusavam a colocá-lo nas estantes, mesmo sabendo da existência do público ávido por ler essa poesia.



As atitudes preconceituosas das elites culturais impediram que o cordel desfrutasse dos mesmos espaços ocupados por outras formas poéticas. Infelizmente fora esquecido, justamente, por quem deveria inclui-lo nos ambientes literários, já que possui um papel primordial dentro da cultura e da educação, além de ser mais um lazer aos brasileiros amantes da leitura.

O livro *A Escrava Isaura*, em cordel, foi lançado em 2011, quatro anos depois de sua concepção. A partir de 2009, conheci a teoria do Doutor Aderaldo Luciano, mostrando cabalmente como essa forma poética surgiu no Estado da Paraíba, cujo filho ilustre, Leandro Gomes de Barros, concebeu-a tal como é conhecida atualmente. Frente as assertivas do estudioso, reformulei todo o pensamento a respeito da história do cordel; desde então, passei a defender a brasilidade dessa forma poética.

A argumentação do pensador Aderaldo Luciano convenceu vários poetas, além de outros pesquisadores, sobre a necessidade de fazer uma revisão no histórico cordelístico e, através desse DNA, ofertar a sua filialidade ao brasileiro responsável pela sua fundação.

Como sempre, as novidades dividem opiniões. Por isso, muitos cordelistas e pesquisadores acolheram bem sua teoria, enquanto outros tentaram boicotá-la, relegá-la ao ostracismo; entretanto, Aderaldo não cedeu, empreendeu uma cruzada pelo país inteiro, mostrando através de argumentação abalizada, a consistência de sua teoria.

Aos poucos, a Teoria do Cordel Brasileiro foi ganhando força. Nisso, a divisão foi cedendo lugar à coerência, provocando debates e estudos em São Paulo, Paraíba, Rio de Janeiro, Pará, Sergipe... e um número significativo de bardos aderiram às afirmações do poeta e pesquisador, que exigira justiça ao estro de Leandro Gomes de Barros.

Não precisávamos de paternidade estrangeira, afirma Aderaldo Luciano, segundo ele, a mãe é a cidade do Recife e o pai Leandro Gomes de Barros, juntamente com os poetas Francisco da Chagas Batista, Silvino Pirauá de Lima e João Martins de Athayde. Estes poetas espalharam no

final do século XIX, e começo do XX, na região nordestina, essa poesia conhecida hoje com o nome de cordel.

Os avessos ao estudo não lhe pouparam críticas, no entanto, outros se agradaram sobremaneira, valorizaram o labor alheio, reconhecendo como o Brasil precisa se livrar das muletas europeias. Várias pessoas já suspeitavam da paternidade Leandrina, todavia, nunca tiveram coragem de afirmar publicamente, diferente de quem tinha a certeza do estudo, pois havia se preparado através do mestrado e do doutorado.

Contestar livros, desmistificar verdades enraizadas requer cuidado, requer zelo, temperado pela humildade e conhecimento. Ele teve a coragem de estudar, beber na fonte, varar noites a fio, pesquisar para ter o abalçamento profundo, e assim refutar quem surgiu no seu combate.

Em São Paulo, em 2009, com outros poetas, fundamos o *Movimento Caravana do Cordel*, iniciativa que reuniu poetas, ilustradores, cantores, pesquisadores, na realização de um evento mensal na Rua Augusta, no Centro da capital, cujo destaque era o cordel. Por vários anos, esse movimento ajudou a espalhá-lo na *Pauliceia Desvairada*, mas, infelizmente, a vaidade de alguns matou o movimento de tantos. Enquanto durou, impulsionou conversas com alunos, discussões com educadores, seminários, rodas de conversas, estudos, sempre proveitosos, ao tempo que os livros de cordel começavam a chegar as escolas.

As pessoas se encantavam, queriam conhecer a trajetória de Leandro e se surpreendiam como este homem sem a formação universitária tornara-se letrado, frequentador assíduo da biblioteca do tio padre; e isto forjou quem viria, futuramente, a ser um dos poetas consagrados do Brasil.

Muitos livros de Leandro Gomes de Barros são clássicos da literatura brasileira, embora não apareçam na lista dos mais vendidos, vendem sucessivamente diversas edições, publicadas por várias editoras, além do que, por serem de domínio público.

Busquei editoras em prol de publicar novos livros. Encontrei a Panda Books, mandei um original sobre meio ambiente, cerca de dois meses depois recebi a resposta rejeitando-o, porém convidando-me a verter à linguagem cordelística alguns contos infantis. Escolheram *O Pequeno Polegar* e *A Branca de Neve*.

Abracei a empreitada, mergulhei no estudo e na pesquisa para no tempo apazado entregar os originais, que seriam submetidos a uma avaliação editorial. Feitos os devidos ajustes,

os livros começaram a ser preparados. Assim, no ano de 2010, *O Pequeno Polegar* e *A Branca de Neve*, ilustrados, destinados ao público infantil, chegaram ao mercado “livresco”, sendo lançados na Livraria da Vila (São Paulo), outro espaço nobre, onde o cordel jamais pisara antes.

O lançamento foi considerado um sucesso, os livros começaram a chegar às escolas, adotadas e fui sendo convidado a conversar com crianças, por conta da linguagem rimada e metrificada, dando voz e vez a esses personagens que nem da nossa cultura são, todavia, a cultura não tem fronteira e as crianças se encantavam por conta do ornamento poético.

No ano 2012, o livro *A Branca de Neve* entrou em um programa de governo, quase 30 mil exemplares vendidos e distribuídos às escolas e bibliotecas do país, um marco na vida deste autor. Com o passar do tempo, ganhou-se mais espaço, o trabalho sério conquistou os leitores alheios a essa forma de poesia.



Ao tempo em que chegávamos às escolas por estes caminhos, tentávamos, por meio da *Caravana do Cordel*, fomentar outros eventos no intuito de espalhar o cordel por São Paulo. Nossa atividade não se prendeu somente à educação e à cultura, por isso, na medida do possível, tocava essa sinfonia poética para outros públicos.

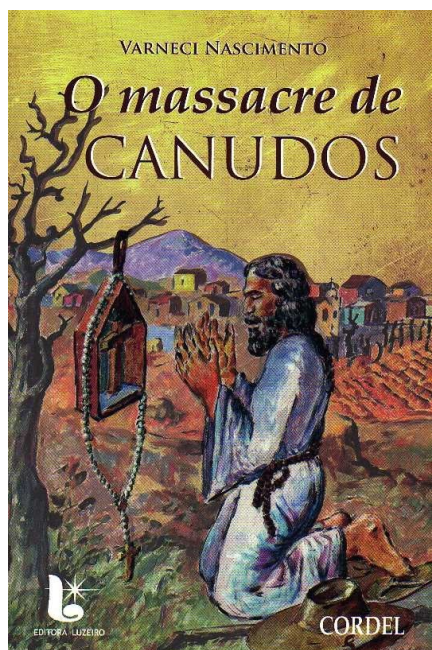
Escrevi alguns cordéis de gracejo, levando uma dose de humor e irreverência, graça e leveza a quem lesse. Conforme os anos se passaram, o lado cômico aflorava fortemente, tornando-me conhecido como poeta humorista. No entanto, não faço apenas humor. É pouco recomendável ser caricato, fiz apenas do gracejo um aperitivo dentro daquilo que escrevo.

Todos os temas são importantes na vida de um escritor, pois a marca primordial de quem escreve deverá ser a ousadia, a coragem de vencer os medos. Vivemos em constante evolução, daí nos arriscarmos em experiências novas ser sempre salutar.



A vida do escritor precisa se pautar, sobretudo, pelo estudo a fim de ganhar bagagem para enfrentar desafios; procuro isso há quase vinte anos. Experimento de tudo, mas honrando o fato de ter sido escolhido.

O Massacre de Canudos, por exemplo, transformado em livro pela Editora Luzeiro, busca um público a que, talvez o folheto não chegue. Por essa razão, procuramos levá-lo aos vários cantos do país.



Com o passar dos anos, o folheto já está na terceira edição: duas no formato folheto e uma em livro, perfazendo o total de quase cinco mil exemplares vendidos.

Na Luzeiro, desde 2010, as obras publicadas trazem o ISBN, o código de barras e a ficha catalográfica. E, por isso, não vejo mais razão para chamá-las de folhetos. Pois assim, atendem aos padrões normais de qualquer outro livro editado.

Referências

LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. São Paulo: Editora Luzeiro / Adaga, 2012.

NASCIMENTO, Varneci. *A peleja de Aloncio com Dezinbo*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2008.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2010.

_____. *A escrava Isaura*: São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2011.

_____. *O pequeno polegar*. São Paulo: Panda Books, 2010.

_____. *A branca de neve*. São Paulo: Panda Books, 2010.

_____. *Os dez mandamentos do preguiçoso*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

_____. *Pergunta Idiota, tolerância zero*. São Paulo, Editora Luzeiro, 2015.

_____. *O Massacre de Canudos*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2014.

Envio: Dezembro de 2018

Aceito: Junho de 2019